

FONTE DOS AMORES

A fonte dos Amores é, de certo, uma das mais antigas de Aveiro. É das poucas de cuja origem se podem dar notícias mais circunstanciadas. À saída de Aveiro para Ílhavo, Aradas e outras povoações encontra-se esta fonte, próxima à estrada, à mão esquerda do transeunte e voltada para o poente.

Fica num sítio baixo, o que a torna menos vista e mais indiferente a muitos indivíduos. Esse local está separado da estrada por um muro de suporte e de pouca elevação ao longo da mesma estrada. E, para se chegar à fonte mais comodamente, é mister descer uns degraus de pedra, que ficam juntos a esse muro e da parte do norte.



Figura 1: Imagem antiga da fonte e tanques

A construção da fonte é pouco digna de nota. É muito semelhante à da Pega e à da Senhora da Ajuda. Consiste numa grossa parede terminada em curva. Uma só bica, cilíndrica e de ferro despeja a água num tanque rectangular, formado de pedra calcária e colocado um pouco acima do solo. Para o lado do sul, há dois lavadouros, simples, de igual tamanho e de igual feitio e formados de pedra granítica. Um pouco acima da bica e numa pedra calcária e rectangular, está gravado este letreiro:

LOVVADO SEIA O SANCT
ISSIMO SACRAMENTO EA
VIRGEM NOSSA SENHORA
QVE FOI CONCEBIDA SEM
PECCADO ORIGINAL

O primitivo nome desta fonte era o da Benespera. É de crer, que lhe fosse dado pelo sítio e não, que o sítio o tivesse dado à fonte. A palavra “Benespera” bem dá a conhecer, que ali era um ponto ou local, onde os habitantes das povoações próximas esperavam para se reunirem, depois que de Aveiro regressavam às suas terras. Também é possível, que ali se reunissem, para entrarem em Aveiro, esperando as horas, em que fossem abertas as portas das muralhas, quando nesta povoação se fechavam e abriam tais portas a horas determinadas e como ainda hoje se faz nas praças de armas.

Mais tarde foi esta fonte denominada de S. Sebastião, por lhe ficar perto uma capela, dedicada ao mesmo santo. E não falta ainda quem assim chame a esta fonte, mas geralmente é hoje conhecida pelo nome de Fonte dos Amores. E este nome inspirou a um aveirense uma composição métrica, em forma de lenda e que nunca se publicou. É de crer, que as muitas conversas amorosas neste ponto de reunião, combinado, casual ou por costume, houvessem concorrido, para lhe ser dado o nome, pelo que hoje é mais conhecida esta fonte.



Figura 2: Brasão do duque de Aveiro

Paralelo aos lavadouros ergue-se um muro, ao nascente, separando uma horta, que outrora foi da D. Joana Peregrina Rangel de Quadros Cabral Moura e Horta. Esse muro é encimado por cinco ameias, mas outrora eram sete as que ali se viam. Embutida na parede, quase à superfície e bem no centro, vê-se numa pedra rectangular um brasão de armas, já um tanto gasto pelo tempo e pela falta de cuidado. Esse brasão é o do primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre, filho de D. Jorge de Lencastre e, por bastardia, neto de D. João II.¹

Aquele titular ou totalmente mandou

¹ Imagem do brasão da Fig. 2 obtida em https://www.geocaching.com/geocache/GC235FG_nova-braganca?guid=76674642-eb5e-4490-a217-6395bbfe8055

construir esta fonte, ou concorreu em grande parte para a sua construção. E, por isso, esse brasão foi ali mandado colocar pela Câmara. Tem algum merecimento. É ornado de florões, em feitos caprichosos, formados de alto-relevo e todos em simetria. O escudo é de forma ordinária com as armas de Portugal, atravessadas pela quebra de bastardia. Representa o brasão dos Lencastre. Este, porém, tem sobre a coroa ducal o timbre da família, que é um pelicano com as asas abertas. Esse timbre não se vê aqui em nenhum dos outros brasões dos duques de Aveiro.

O da “Fonte dos Amores” escapou ao camartelo do algoz, quando os brasões desses e de outros titulares foram picados no tempo do Marquês de Pombal e pela sentença, que é bem conhecida.

D. João de Lencastre enviou de Lisboa e em 1559, uma carta aos Vereadores da sua vila se Aveiro. Nessa carta, depois de tratar de diversos assumptos, faz uma referência à obra da “Fonte da Benespera”, dizendo, que *“também agradecia aos Vereadores a muita vontade, que mostravam para nisso o servirem, e que, em virtude de uma provisão do mesmo duque, dessem ao indivíduo, encarregado da obra, todo o bom aviamento, para que esta fosse por diante, recomendando-lhes, que o ajudassem em tudo o que fosse necessário, o que o duque muito levaria em gosto”*.

Em 1777 foi esta fonte muito consertada, como outras, e sucessivamente se lhe fizeram outros consertos.

O príncipe Lichnowsky, na sua obra “Portugal Recordações de 1842” impressa em 1845, faz, a páginas 153, uma referência a esta fonte, dizendo:

“Passadas algumas horas, pusemo-nos de novo a caminho e chegámos perto do anoitecer à Palhaça em um terreno mais agradável e muito mais bem cultivado. Um resto de antigas estradas calçadas, que o marquês de Pombal mandou fazer à custa de grande despesa, conduziu-nos, ao clarão da lua por entre duas fileiras de grandes arvores, até à “cidade de Aveiro”.

“Junto a uma antiga fonte, que se encontra no caminho, estavam algumas mulheres enchendo água; traziam à cabeça grandes cântaros à semelhança de ânforas, e ofereciam de beber a um grupo de arrieiros e cavaleiros”.

“Algumas dentre elas traziam chapéus de homens de grandes abas erguidas, e longos capotes, em que sabiam embuçar-se de um modo muito pitoresco”.

É de crer, que o Príncipe, falando dos cântaros, se referisse a umas antigas infusas da bocas menores, que as das cântaras actuais e com asas menos desengraçadas.

E os tais capotes, em que as mulheres se sabiam embuçar de um modo muito pitoresco, eram, decerto, as engraçadas mantilhas, de que deixaram de usar as criadas e as tricanas de Aveiro e que as tornavam mais elegantes e davam ao traje aveirense um característico especial, muito mais belo e mais notável, do que dão os trajes actuais, usados desde o princípio do último quartel do século XIX.

A água fonte é potável, mas um pouco pesada, por isso é mais preferível para a comida e muito mais para lavagens. Ainda assim, não é das piores de Aveiro. Sob a estrada e logo adiante do muro de suporte, de que falei e de outro que lhe fica paralelo, há uma pontinha, toda formada de pedra calcária e bastante rija.

Pelo seu vão corria e (ainda hoje corre em parte) a água dos sobejos, indo depois espalhar-se no vale, que fica fronteiro e que é a continuação do local baixo, onde se ergue a fonte e estão os lavadouros. Logo acima

do arco da pontinha e na face voltada para o nascente, isto é, para o mesmo local, está salientado um quadrilongo de alvenaria, com este letreiro:

FOI FEITA ESTA OBRA
EM OVTVBRO DE 1806.

É muito possível, que este letreiro e a sua data se refiram à obra da estrada, ou à da pontinha. É também possível, que se refiram a algum conserto da fonte e que a pontinha fosse mandada construir mais por causa de dar expedição à água dos sobejos da fonte, do que às águas, que remanescem dos terrenos próximos, que são muito húmidos em certas épocas do ano, mas onde não faltam valas, uma das quais é bastante larga é profunda. O seu fluído poderia, talvez, aproveitar-se para utilidade pública. A água desta fonte provem de uns terrenos próximos, que ficam ao norte e um tanto elevados E, como são também muito húmidos, ainda que seja grande a estiagem, sempre corre a água com mais ou menos abundância e sempre conserva o mesmo sabor.

A horta a que serve de suporte a parede, onde está o brasão do primeiro Duque de Aveiro, creio ter sido propriedade do mesmo titular, dos seus antecessores e de alguns dos seus herdeiros. A antiguidade da parede e o feitio desta assim o indicam e alguns documentos o dão a entender, posto que de leve. A circunstância de estar ali o brasão não me parece, que fosse unicamente pelo serviço, que D. João de Lencastre prestou a Aveiro, mandando construir a fonte de Benespera.

Se tal fosse, deveria o brasão estar sobre a própria fonte ou em lugar mais distinto, do que no centro de uma parede, que não tinha mais ornatos, do que umas simples ameias para esteios de latadas. Ambas as causas, decerto, concorreram para ali estar o brasão.

Os Marqueses de Abrantes, desde o terceiro Marquês (D. Pedro de Lencastre da Silva Castelo Branco Sá e Menezes) usaram um brasão igual, por serem parentes muito próximos das famílias dos Lencastre. Já eram condes de Vila Nova de Portimão. O Marquesado de Abrantes ficou extinto em 2 de Setembro de 1847, quando faleceu o quinto Marquês, que foi D. Pedro José Maria da Piedade de Alcântara Xavier de Lencastre.

Como se disse, em 1896 foi completamente restaurada ou antes quase reconstruída esta fonte. Foi então substituído em grande parte o seu tanque, consertada a alvenaria e limpo o letreiro, de que já dei cópia fiel. Acima dele, foi colocada uma lápida de forma elíptica, e que tem gravadas estas letras:

C. M.
1896.

O muro, em que está o brasão do primeiro Duque de Aveiro, foi completamente rebocado, e regularizado. As sete antigas ameias, que estavam quase destruídas e que não tinham colocação simétrica, ficaram simetrizadas, mas reduzidas a cinco e, como as antigas, servindo de esteios às latadas do prédio, a que a parede se encosta.

Os antigos lavadouros foram substituídos pelos actuais, que são muito maiores e com a vantagem de terem

o capeamento de granito e inclinado para o interior, o que é grande utilidade para a lavagem da roupa. Foi rebocado o muro de suporte, e encostado a ele ficaram dois bancos de alvenaria e cimento.

Do lado do sul, há um muro, que, perpendicular ao de suporte e ao que tem o brasão, fecha do mesmo lado todo o local desta fonte. Esse muro foi rebocado e ficou tão alto, que o letreiro, que está sobre a pontinha, já não pode ler-se, senão de dentro da propriedade rural, que lhe fica próxima e ao longo da estrada. Encostado a esse muro ficou um banco, igual àqueles de que acima falei. Foi colocada então a escadaria, que da estrada faz descida para o local e ainda outros reparos se fizeram.

Toda a obra mereceu elogios, mas, como tudo o que é dos homens, não deixa de ter defeitos, que felizmente são fáceis de se remediar. Foi um erro a colocação de um simples letreiro, referido a todos esses reparos, por que assim parece, que a fonte dos Amores foi obra do ano de 1896, ainda que o brasão do duque e as ameias indiquem, que a obra teve origem em época muito mais remota. E, para que se evitasse o anacronismo, bom seria, que esse letreiro fosse substituído por outro, que indicasse, que, esta fonte havia sido mandada construir em 1559 por D. João de Lencastre, primeiro duque de Aveiro, e mandada restaurar ou rectificar pela câmara municipal em 1896.

O outro defeito é não ter a água dos sobejos uma pronta e fácil expedição para a propriedade, que fica ao sul e depois sob a pontinha a que fiz referências. Um

encanamento entre os lavadouros e o muro, que se ergue ao nascente e um pouco mais de artifício evitariam a continuação da existência do charco imundo, que há sempre

neste sítio e para o que não pouco concorrem as águas, que descem do local, onde estivera a capela de S. Sebastião e em parte do qual se ergue actualmente o Bairro de Aires Barbosa, e que é mais conhecido pelos nomes de Bairro de S. Sebastião e da Fonte dos Amores.



Figura 3: O que resta

Nos alvitres e nas observações, que aí ficam, nem tenho em vista ofender a memória dos que já não existem, nem tenho pretensões a dar conselhos a quem dos meus não precisa. A água da vala de que falei e que corre na propriedade próxima, passa sob a pontinha e segue tortuosamente todo o vale, que está ao poente. Depois, voltando ao norte e passando perto da fonte da Senhora da Ajuda e ao lado dos lavadouros, vai misturar-se com a água da Ria, perto da capela dos Santos Mártires e no esteiro, que do mesmo templo tomou o nome. Aí há uma “pontinha”, que também deu o nome à Quinta próxima, antes da construção da capela. E aí costumam estar algumas lavadeiras. E seria de grande vantagem para os habitantes do Bairro próximo, que o lago ou poço, onde lavam essas mulheres, fosse substituído por um ou dois lavadouros regulares. Assim ficaria aproveitada melhor aquela corrente.²

² Imagem da Fig. 3 obtida em: https://www.geocaching.com/geocache/GC235FG_nova-braganca?guid=76674642-eb5e-4490-a217-6395bbfe8055